

humanitas



Vol. XXVII-XXVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXVII E XXVIII



COIMBRA
MCMLXXV-MCMLXXVI



PETER V. MARINELLI. *Pastoral*. Londres, Methuen & Co, 1971. 70 pp.

Trata-se neste livrinho da colecção «The Critical Idiom» de um certo número de aspectos que assumiu na tradição europeia o sentimento de regresso à natureza.

O Autor analisa variedades desse sentimento nos seis capítulos do seu opúsculo: 1. Perspectives on the Pastoral; 2. The Golden Age; 3. Arcadia and its Transformations; 4. The Nearness of Sparta; 5. The Retreat into Childhood; 6. Conclusion.

No penúltimo, uma espécie de «pastoral da infância», inclui-se entre outros o tema da iniciação sexual que da Grécia veio com o romance de Longo, embora o A. não deixe de notar que «Daphnis and Chloe are too simple, too naïvely libertine to be real».

Leitura sugestiva, a deste somatório de atitudes bucólicas, para o estudioso de uma tradição literária, como a nossa, tão rica de conteúdo pastoral. E embora as considerações do A. girem em torno de exemplos tirados da literatura italiana do Renascimento e da literatura inglesa, as letras portuguesas merecem-lhe uma referência, ainda que passageira.

Num livro publicado inicialmente em 1971, decerto a proximidade do quarto centenário da publicação de *Os Lusíadas*, contribuiu para a inclusão do poema de Camões. Ao documentar a afirmação de que epopeia e bucolismo se opõem, o exemplo mais significativo escolhido pelo A. é o da fala do Velho do Restelo, assim interpretada: «To associate pastoral with the golden age is inevitably to associate heroic poetry, at the other end of the literary scale, with the world of degeneration. If voyages and quests, warfare, soldiering and plundering are the effects of a degeneration, the very literature in which those activities are mirrored, however glamorous with heroism, is itself a testimony of a degeneration. Renaissance authors are always alert to the fact, but no one faced it more squarely or more courageously than Camoens. In the *Lusiads*, the majestic national epic of Portugal, at the very moment when the great expedition of Vasco da Gama, fraught with magnificent destiny, is about to sail (Canto 4), a nameless old man passionately cries out against the entire undertaking, revealing at one and the same time that his creator was aware of a darker side to the heroic gesture and had the artistic integrity to make it part of his total vision.» (pp. 17-18).

Segue-se a tradução inglesa, em prosa, de William C. Atkinson, na colecção «Penguin», de *Lusiadas*, IV, 98-99.

O trecho é típico daquela combinação de Cristianismo e Paganismo que tanto tem surpreendido e escandalizado os leitores modernos, ignorantes do espírito do Renascimento Quinhentista europeu:

Mas, ó tu, geração daquele insano
 Cujo pecado e desobediência
 Não somente do reino soberano
 Te pôs neste desterro e triste ausência,
 Mas inda doutro estado, mais que humano,
 Da quieta e da simples inocência,
 Idade de ouro, tanto te privou,
 Que na de ferro e de armas te deitou.

Já que nesta gostosa vaidade
 Tanto enlevas a leve fantasia,
 Já que à bruta crueza e feridade
 Puseste nome esforço e valentia,
 Já que prezas em tanta quantidade
 O desprezo da vida, que devia
 De ser sempre estimada, pois que já
 Temeu tanto perdê-la quem a dá.

Mas a interpretação de Peter V. Marinelli, não obstante os seus méritos, peca por considerar os versos de Camões como simples exemplo exponencial de uma atitude literária, não tendo em conta outros valores. Teria sido conveniente uma referência à realidade histórica que essa profecia «post euentum» traduz, tanto mais que a grande maioria dos seus leitores nunca leu certamente *Os Lusíadas* e ainda menos a História de Portugal.

Inversamente, certos temas que ao conhecedor de uma única literatura, neste caso a portuguesa, parecem inseparáveis de um determinado condicionalismo histórico, podem na verdade reflectir igualmente uma atitude literária. Tal é o caso do poema «De Vita Aulica. Poetas ibi iacere» que André de Resende dedicou a Damião de Góis. Marinelli não cita qualquer exemplo português, mas a aversão ao paço, «onde os poetas vegetam», é um tema corrente na poesia europeia quinhentista, como o A. mostra (p. 23) e não constitui apenas a crítica de uma situação histórico-social portuguesa. E isto, mesmo tendo em conta que a acusação de desprezadores das letras, feita aos áulicos, se encontra em Portugal desde o latim de Cataldo Parisio, no princípio do século, às estrofes de *Os Lusíadas*, em 1572.

Pastoral termina com uma bibliografia crítica de obras sobre o assunto, na maioria recentes e quase todas em língua inglesa.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

NIGEL GRIFFIN, *Jesuit School Drama. A checklist of critical literature. Research bibliographies and checklists*, 12. Londres, Grant & Cutler, 1976, 54 pp.

Nigel Griffin, que já colaborou em *Humanitas* xxiii-xxiv, 1971-72, com um artigo intitulado «Some Jesuit theatre manuscripts», dá-nos agora uma bibliografia modelar sobre o teatro escolar dos jesuítas. E promete outras quatro «checklists» em torno do mesmo tema, a publicar nos anos próximos.

A bibliografia é cuidadosa e elaborada com minúcia crítica, dentro dos limites que o A. para ela define na Introdução. Assim, pude notar que o meu artigo «Um manuscrito de teatro humanístico conimbricense», onde foi revelada a existência do manuscrito existente na Hispanic Society of America, em Nova Iorque, é citado duas vezes, prova de que o A. verificou não serem absolutamente idênticas as versões de *Humanitas* xiii-xiv e dos *Estudos sobre a Época do Renascimento*.

Também o Prof. Griffin não esqueceu uma das dissertações sobre teatro jesuítico do Seminário de Latim da Universidade de Coimbra, já concluída quando, há anos, passou aqui, a saber, a de Ermelinda Emília Barbosa Couto, *Saul Gelboeus de Miguel Venegas* (1968) que, no artigo atrás referido, Griffin lamentava não estar impressa. Foi incluída nesta bibliografia com a indicação de «unpublished dissertation».

Estudos recentes sobre a matéria, não há muitos em Portugal, mas podem mencionar-se, pelo menos, três verbetes de *Verbo: Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*: o artigo de Domingos Maurício sobre «Cruz (Luís da)», o de Claude-Henri Frêches, «Jesuítico (Teatro)» e o meu, «Venegas (Miguel)». No Brasil saíram nos últimos anos alguns trabalhos sobre o teatro de Anchieta.

A.C.R.

EVRIPIDES. ORESTES. Edidit *Werner Biehl*. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig, B. G. Teubner Verlagsgesellschaft, 1975. LXII + 158 pp.

Depois de nos ter dado um excelente comentário do *Orestes* (*Euripides' Orest*, erklärt, Berlin 1965 — no mesmo ano em que saíra, em Florença, a importante edição de Di Benedetto), o qual fora precedido de um estudo sobre *Textprobleme in Euripides' Orestes. Intepolationen u. a.* (Jena/Göttingen 1955), Werner Biehl apresenta agora uma edição crítica da mesma tragédia, que logo à primeira leitura se